

Diana Sousa Silva Correa  
Eliane Maria Pinto Pedrosa  
Paula Francinetti Tavares Araújo

# Entre pedras e Caminhos

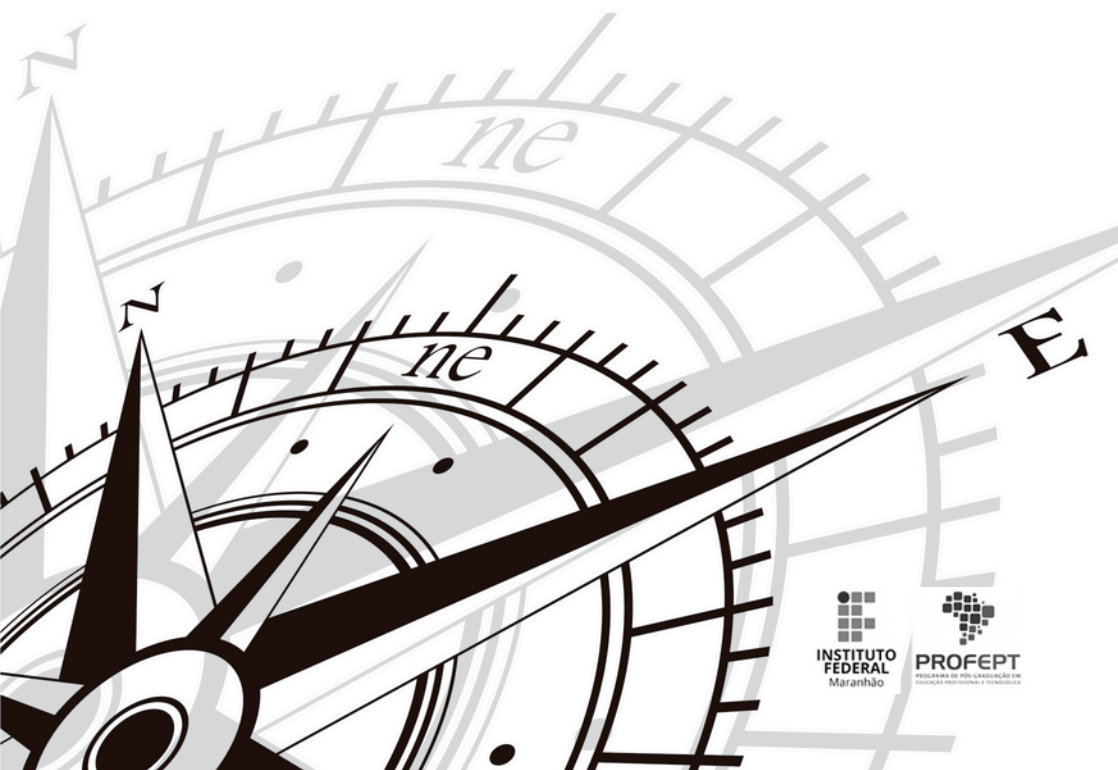
Uma proposta didática de  
leitura literária no PROEJA



Diana Sousa Silva Correa  
Eliane Maria Pinto Pedrosa  
Paula Francinetti Tavares Araújo

# Entre pedras e Caminhos

Uma proposta didática de  
leitura literária no PROEJA



  
INSTITUTO  
FEDERAL  
Maranhão

  
PROFEPT  
PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DE  
PROFESSORES FEDERAIS E TECNÓLOGOS

Autorizamos, para fins de estudo e pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste produto educacional, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

**Revisão:** Suely Matos Andrade Ferreira

**Projeto gráfico:** Lara Mel Sousa Costa

**Diagramação final:** Diana Sousa Silva Correa

C824e Correa, Diana Sousa Silva.

Entre pedras e caminhos: uma proposta didática de leitura literária no PROEJA./ Diana Sousa Silva Correa, Eliane Maria Pinto Pedrosa, Paula Francinete Tavares Araújo. – São Luís, 2024. 63p.: il.

Produto da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus São Luís – Monte de Castelo, 2024.

ISBN 978-65-01-06155-9

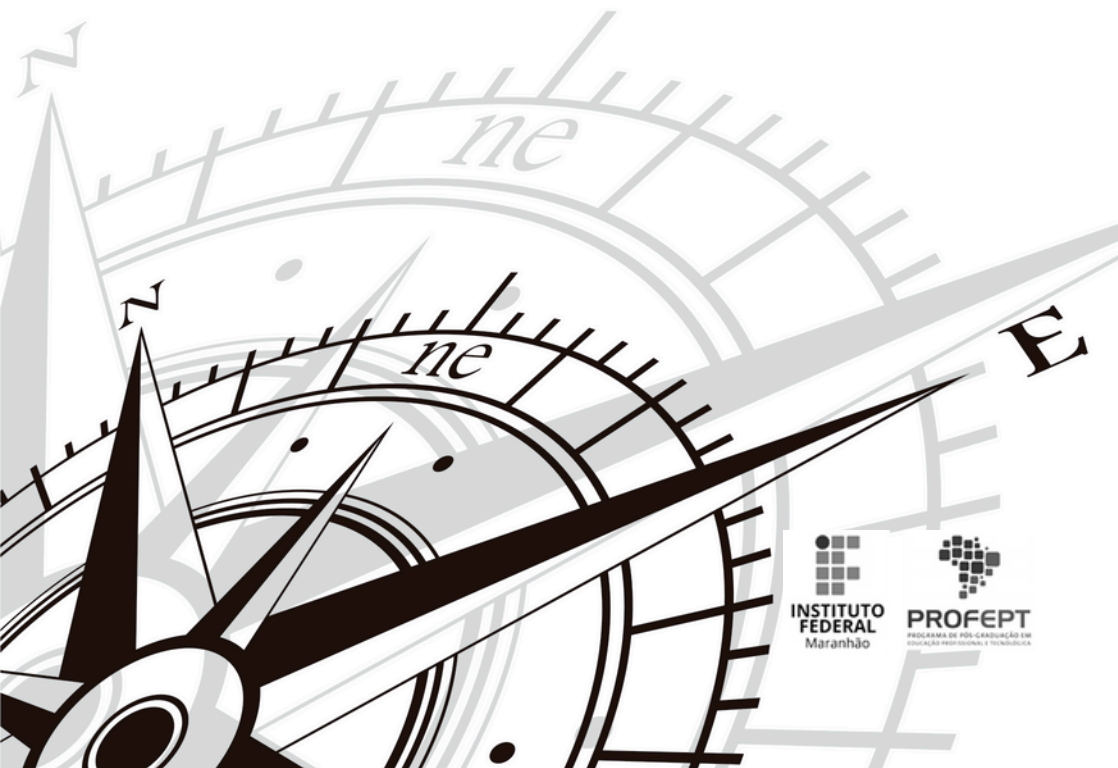
1. Leitura literária. 2. Pedagogia Histórico-Crítica. 3. PROEJA. I. Título.

CDU 028:374.7

Diana Sousa Silva Correa  
Eliane Maria Pinto Pedrosa  
Paula Francinetti Tavares Araújo

# Entre pedras e Caminhos

Uma proposta didática de  
leitura literária no PROEJA



  
INSTITUTO  
FEDERAL  
Maranhão

  
PROFEPT  
PROGRAMA DE PÓS-CADASTRO EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

# Ficha Técnica

**ORIGEM:** Trabalho de dissertação do Programa de Mestrado Profissional e Tecnológico (ProfEPT)- Campus Monte Castelo, intitulada “Práticas de Leitura Literária no PROEJA na Perspectiva da Formação Humana Integral”.

**ÁREA DE CONHECIMENTO:** Ensino.

**PÚBLICO-ALVO:** Docentes e estudantes do PROEJA e qualquer outra pessoa que se interesse em desenvolver práticas de leitura literária a partir da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

**CATEGORIA:** Proposta Didática para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA sobre práticas de leitura literária no PROEJA.

**REGISTRO:** Biblioteca Tebyreçá de Oliveira – Campus Monte Castelo.

**AVALIAÇÃO:** Apreciada por 2 professoras de Língua Portuguesa que atuam no PROEJA- IFMA, Campus Buriticupu.

**DISPONIBILIDADE:** Irrestrita, preservando-se os direitos autorais e a proibição do uso comercial do produto.

**DIVULGAÇÃO:** Disponível em formato digital, no Repositório do Instituto Federal do Maranhão (IFMA).

**INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA:** Instituto Federal do Maranhão (IFMA) – Campus Buriticupu.

**CIDADE:** Buriticupu – Ma.

**PAÍS:** Brasil.

Diana Sousa Silva Correa  
Eliane Maria Pinto Pedrosa  
Paula Francinetti Tavares Araújo

# Entre pedras e Caminhos

Uma proposta didática de  
leitura literária no PROEJA



# Apresentação

Este Caderno Didático-Pedagógico apresenta uma proposta didática de leitura literária que integra a Dissertação de Mestrado intitulada Práticas de Leitura Literária no PROEJA na Perspectiva da Formação Humana Integral. É um requisito para a conclusão do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Monte Castelo.

A proposta didática é resultado de uma pesquisa qualitativa realizada com professores que atuam no PROEJA e com alunos regularmente matriculados no 3º ano do Curso Técnico Integrado em Administração/PROEJA do IFMA, Campus Buriticupu. Essa pesquisa, além de permitir-nos compreender concepções e práticas de leitura literária desenvolvidas no contexto do PROEJA, forneceu subsídios para a sua construção.

Julgamos importante ressaltar o nosso entendimento, a partir de Dalvi (2013, p. 93), de que nenhum percurso didático, por mais bem planejado e fundamentado que seja, está isento de “[...] inadequações, impropriedades, conflitos internos e externos, e, claro, do risco de, nascendo sob a insígnia da tradição do diálogo com o que hoje nomeamos de 'contemporâneo', desatualizarmos velozmente”.

Compreendemos, também, que qualquer perspectiva teórica e/ou metodológica nunca é neutra, sempre é política e ideológica e traz consequências importantes na prática pedagógica. Por esta razão, acreditamos, assim como Ramos (2010), e Leahy-Dios (2000), na capacidade coletiva de defender uma educação comprometida com a classe trabalhadora.

Dessa forma, propomos uma proposta didática de leitura literária que visa à construção de novas possibilidades do ensino de literatura, na busca de instrumentalizar os sujeitos do PROEJA, a partir das práticas de leitura literária, a compreenderem as representações simbólicas da sociedade, desvelar suas contradições e intervir sobre elas.

Nesse sentido, a presente proposta didática tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do ensino de literatura na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica no contexto do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA.

O presente caderno está organizado da seguinte forma: Seção 1: O Ensino de Literatura na Perspectiva Histórico-Crítica; Seção 2: Uma proposta de leitura literária no PROEJA; Seção 3: O Percorso Literário que se divide em 5 subseções: 3.1 Arrumando a Bagagem; 3.2 Juntando Pedras; 3.3 Começando a Caminhada; 3.4 Montando Acampamento e 3.5 Construindo Novos Caminhos. Na última seção, seguem as Notas Conclusivas.

Aprecie a caminhada!

*Diana Gorrea,  
Eliane Pedrosa,  
& Paula Araújo.*



# Sumário

1. O Ensino de Literatura na Perspectiva Histórico-Crítica.....	10
2. Uma Proposta Didática de Leitura Literária no PROEJA.....	25
3. O Percorso Literário.....	30
3.1 Arrumando a Bagagem.....	35
3.2 Juntando Pedras.....	39
3.3 Começando a Caminhada.....	43
3.4 Montando o Acampamento.....	49
3.5 Construindo Novos Caminhos.....	52
4. Notas Conclusivas.....	55
5. Referências Bibliográficas.....	57
6. As autoras.....	61



O Ensino de  
Literatura na  
Perspectiva  
Histórico-Crítica

## O Ensino de Literatura na Perspectiva Histórico-Crítica

Segundo Marx e Engels (2007, p. 24), a linguagem, assim como o trabalho, é uma dimensão fundamental dos seres humanos. Na produção de sua existência, homens e mulheres agem sobre a natureza e, na necessidade de intercâmbio entre si, produzem a linguagem, ao mesmo tempo em que são constituídos por ela.

É por meio do trabalho e da linguagem que os indivíduos agem uns sobre os outros, medeiam suas relações de trabalho e se educam “[...] o trabalho e a linguagem transformam o homem orgânico em um ser social e, portanto, cultural, de maneira que, pelo desenvolvimento de sua consciência, a realidade adquire uma nova maneira de existência” (Dalvi, 2013, p. 135).

Dentre os modos de linguagens, a literatura constitui-se um elemento fundamental na constituição de homens e mulheres enquanto sujeitos sociais. Por meio dela, eles têm traduzido a compreensão de si mesmos, do outro e do mundo e enriquecido o seu imaginário e a sua sensibilidade. Em outras palavras, a literatura é produzida nas relações sociais por meio da palavra.

Na perspectiva vigotskiana,

A relação entre o homem e o mundo passa pela mediação do discurso, pela formação de ideias e pensamentos através dos quais o homem apreende o mundo e atua sobre ele, recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele-homem e funda a sua própria palavra sobre esse mundo (Vigotski 1999, p. 7).

Dessa forma, a literatura sempre esteve atrelada às grandes questões do desenvolvimento histórico e cultural da humanidade, permitindo aos homens e mulheres a exploração da experiência humana e a reflexão crítica da condição humana, quebrando a barreira do tempo e imbricando passado, presente e futuro. Por esta razão, concordamos com Ferreira (2012), na defesa da literatura não apenas como objeto de deleite, mas como uma das formas de objetivação por meio da qual os seres humanos se expressam e se reconhecem enquanto sujeitos.

Candido (2012) chama de literatura

[...] Todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (Candido, 2012, p.18).

Considerando essa concepção, podemos dizer que a literatura reflete os anseios, cultura e valores humanos. Sendo assim, tem o potencial de criar espaços impossíveis à realidade humana como também, por meio deles, questionar sobre a realidade vivida.

Desse modo, cumpre um papel indispensável na formação humana integral de homens e mulheres que, a partir da apropriação desse conhecimento, aguçam a sua percepção, sentimento, imaginação e a sua capacidade de refletir criticamente sobre o seu papel no mundo como sujeitos históricos.

A literatura é uma necessidade básica universal, assim como a moradia, a vestimenta, a alimentação e a saúde. Ou seja, uma necessidade ontológica dos indivíduos, que não pode ser negada a ninguém. Por isso, constitui-se como direito indispensável para a humanização dos homens e mulheres, que segundo Candido (2012, p. 24) significa:

[...] O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2012, p. 24).

A partir desse entendimento, podemos inferir que a literatura, ao representar a realidade social, permite aos sujeitos sociais a possibilidade de compreendê-la com maior inteligibilidade.

Nesse sentido, cumpre uma dupla função: satisfazer a necessidade básica do ser humano pela fabulação, como também contribui para a formação da sua personalidade (Candido, 1972). É uma experiência que gera a vida, amplia o universo humano e incita o homem a imaginar outras maneiras de conhecer esse universo e organizá-lo (Tzvetan Todorov, 2010).

## **O Ensino de Literatura no PROEJA à luz da Pedagogia Histórico-Crítica**

A Pedagogia Histórico-Crítica é uma teoria educacional comprometida com a socialização do conhecimento historicamente produzido pela humanidade à classe trabalhadora, com vistas a lhe instrumentalizar para a luta pela transformação da ordem vigente. Tem suas bases epistemológicas fincadas no materialismo histórico dialético de Marx e Engels que compreende a dinâmica social, econômica e política a partir da base material humana que é o trabalho.

Conforme os pressupostos dessa teoria, a escola configura-se como um espaço privilegiado de acesso aos saberes produzidos historicamente pela humanidade. Sendo assim, é tarefa do trabalho educativo não só a identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, como também convertê-lo em saber escolar e desenvolver as formas adequadas para a sua apropriação pelos indivíduos, a fim de “produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2011, p.13).

Assentadas nessa teoria educacional, defendemos a importância do ensino de literatura no PROEJA, pois compreendemos, assim como Newton Duarte (2011, p.4), que a literatura “é um dos conteúdos escolares nos quais se mostra com maior riqueza a dialética entre as condições históricas específicas da produção de um bem cultural e o valor universal que esse bem pode adquirir no decorrer da história humana”.

A literatura configura-se num conhecimento de grande riqueza interdisciplinar, justamente, porque nela estão impregnadas as diferentes manifestações históricas e culturais dos indivíduos através da palavra, o que favorece a integração entre todos os demais conhecimentos.

A respeito disso, Barthes (1977, p. 17) explicita:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas deversem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

Nesse sentido, considerando a importância da escola na transmissão dos saberes construídos historicamente pela humanidade e a relevância da literatura como um conhecimento fundamental na formação humana, apresentamos, a seguir, algumas possibilidades de ensino de literatura, à luz da Pedagogia Histórico-crítica.

Primeiramente, destacamos dois aspectos fundamentais no trabalho pedagógico com a literatura. O primeiro refere-se à identificação dos conhecimentos literários essenciais que precisam ser assimilados pelos indivíduos para a apropriação dos saberes que lhes permitam desenvolver a sua humanidade. O segundo consiste na definição dos critérios de seleção dos conteúdos que serão trabalhados (Dalvi, 2018).

Levando em consideração a realidade material, cultural, étnica e de gênero dos sujeitos do PROEJA, se faz necessário selecionar os conhecimentos essenciais que lhes permitem o direito de entender “[...] as relações sociais, de gênero, de raça e de trabalho, de onde chegam e para onde voltam e entender, principalmente, seus saberes, valores, identidades, feitos de resistência por emancipação” (Arroyo, 2017, p.13).

Saviani (2011) assinala que um critério útil para seleção dos conteúdos é a noção de clássico que, nessa perspectiva educativa contra hegemônica, não tem nenhuma relação com a concepção canônica, com viés elitista e colonial preconizada nos programas curriculares de literatura, mas trata-se dos conhecimentos produzidos historicamente que são essenciais para desenvolvimento da humanização dos homens.

Sobre essa questão, Dalvi ressalta:

[...] O ensino e o estudo de literatura devem se pautar, não no cânone, mas nos clássicos, aquilo que melhor objetivou as conquistas humanas até aquele momento. A noção de clássico, portanto, é histórica, é dinâmica, é suscetível ao reexame crítico contínuo, diferente de uma noção enrijecida de cânone que se legitima pela força da tradição, (Dalvi, 2023, p. 124)

A partir de Saviani (2011) e Dalvi (2023), podemos compreender que obras como as de Carolina Maria de Jesus, de Conceição Evaristo, de Maria Firmina dos Reis que, apesar de não estarem enquadradas no cânone literário brasileiro, são produções que resistiram à sua época e têm muito a dizer sobre a sociedade atual.



Nesse sentido, tais obras podem ser consideradas clássicas no ensino de literatura no PROEJA, sendo essenciais para a compreensão e problematização dos processos de desumanização-humanização em que os sujeitos do PROEJA estão envolvidos. Sendo assim, o desafio do ensino de literatura consiste não só no desenvolvimento do gosto de leitura, mas principalmente na construção identitária desses sujeitos, que ao lerem, também desenvolvem a sua personalidade (Rouxel, 2013).

Nesta direção, elencamos a partir de Dalvi (2013), alguns princípios importantes na seleção de obras literárias que podem ser considerados no PROEJA, dentre os quais destacamos:

- Texto que apresenta tema potencialmente de interesse para os leitores;
- Texto que problematiza os papéis sociais, históricos e culturais que esses leitores exercem;
- Vocabulário e sintaxe acessíveis ao público-alvo, valores ideológicos que o texto carrega;
- Linguagem que busca o agenciamento metafórico, plural, criativo e provocativo do mundo; texto que apresenta humor, ironia e texto adequado à maturidade leitora (Dalvi, 2013).

Outro aspecto fundamental no ensino de literatura apoiado na vertente histórico-crítica refere-se à mediação pedagógica por meio da qual os estudantes podem ascender da leitura sincrética da realidade aparente à leitura sintética da realidade concreta. Isso se realiza em um movimento dialético que compreende a prática social tanto como ponto de partida quanto ponto de chegada,

perpassando a problematização, instrumentalização e catarse e, assim, desenvolver a sua humanidade. Corresponde à vivência de um movimento que possibilita ir para além do senso comum, da compreensão cotidiana, e alcançar a desmistificação da realidade, ou seja, a compreensão da totalidade deste fenômeno, da essência que se desvela por detrás de sua aparência (Kosik, 2002).

Saviani (2011) esclarece que a prática social inicial implica a identificação de como a prática social, comum a professores e alunos, se apresenta na sociedade atual. Na problematização, se busca identificar quais problemas postos pela prática social devem ser trabalhados. A partir daí, faz-se necessário buscar os instrumentos que permitam o enfrentamento desses problemas.

Isso ocorre por meio da instrumentalização que compreende a apropriação dos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade a partir dos quais é possível responder aos problemas enfrentados. Isso se concretiza na incorporação dos saberes objetivos que são transformados em elementos de transformação social, momento chamado de catarse. A partir daí, chega-se à prática social final, que é o ponto de chegada em que os alunos, já com uma nova compreensão de mundo, retornam para a prática social (Saviani, 2011).

Nessa perspectiva histórico-crítica, a prática educativa nega a escola como instância neutra e apolítica, o professor como mero transmissor neutro, o aluno com atuação passiva e o saber como objeto imutável a ser repartido. Isso porque a apropriação do conhecimento literário se efetiva com a problematização no sentido dialético.

Logo, cabe à mediação docente apresentar os problemas relativos ao ser humano e ao mundo, permitindo aos educandos adentrar criticamente nesse universo, no jogo entre a manutenção e a mudança da cultura (Leahy-Dios, 2000).

Podemos inferir, a partir dessa concepção, que é preciso pensar em um ensino de literatura articulado a essa prática social, enquanto experiência concreta dos homens. Essa prática social deve ser referência central do trabalho educativo que permite aos sujeitos ascenderem da prática à teoria e assim retornarem à prática com uma nova compreensão da realidade e da ação humana.

Esse confronto entre a leitura literária sistematizada e metódica realizada em sala de aula e a experiência cotidiana dos sujeitos, contribui para a transformação de “[...] sua concepção de mundo fetichista em direção a uma concepção de mundo que se aproxime tanto quanto possível da realidade” (Dalvi, 2013, p. 126).

Cabe lembrar que a prática social inicial não se refere apenas ao que os alunos trazem para a escola como seus saberes, suas ações, seus sentimentos e pensamentos, mas também em uma expressão da prática social mais ampla, à qual esses sujeitos pertencem. Isto é, a prática social se refere a uma totalidade das relações humanas expressas nas instituições sociais, na família, no trabalho, na escola, na igreja, nos partidos políticos, entre outros (Saviani, 2011; Gasparin, 2012).

Não basta conhecer a prática social dos educandos, é

necessário problematizá-la. A problematização é fio condutor de toda a mediação pedagógica, pois é através dela que o conhecimento, nesse caso, o conhecimento literário, começa a fazer sentido para o aluno (Gasparin, 2012).

Isso significa dizer que o ensino de literatura não pode ter como pretensão a simples leitura dos textos literários. É preciso problematizar o “mundo do trabalho, das obras, das ideias, das convicções, dos mitos, da arte, da cultura e da história, que, resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores” (Freire, 2013, p. 72).

A respeito dessa integração entre conteúdo e mundo, Dalvi (2021, p.122) pontua que

[...] Não dá para continuar ensinando Arcadismo sem pensar nas apropriações contemporâneas de lemas como “carpe diem”, uma vez que vemos toda blogueira de Instagram postando foto de biquíni com “carpe diem” tatuado nas costas: o que, hoje, em uma cultura profundamente narcisista – mais do que hedonista – significa esse “carpe diem”? Não dá para, hoje, eu pensar esse lema fora do entendimento de que vivemos numa sociedade profundamente individualista, que se apresenta sob a aparência de “aproveitar o dia” de maneira irresponsável e irrefletida, sem compromisso com a natureza ou com o ideal de uma vida justa e boa, que estava lá na Antiguidade Clássica, quando esse ideal foi consignado. Também não dá para ignorar o que significava um ideal de vida justa e boa para sujeitos que viviam sob um modo de produção baseado na escravidão – ou seja, em que os filósofos e cidadãos que defendiam esse lema tinham suas necessidades satisfeitas pela forma de exploração do trabalho alheio mais terrível de que temos notícia. O que a transposição de todas essas questões para o presente nos obriga a refletir?

Como podemos observar, o ensino de literatura não deve ser um processo enfadonho, impositivo, acrítico. Pelo contrário, na perspectiva histórico-crítica, ele pode e deve ser um processo dinâmico, vivo.

Sendo assim, a mediação docente tem um papel relevante na prática educativa. É sua função instrumentalizar os educandos para confrontar a sua prática social a partir da exploração do texto literário em múltiplas determinações: histórica, linguística, social, política, contribuindo para a integração de saberes:

[...] na medida em que: a) a escola incentive a leitura de obras clássicas em diálogo com produções contemporâneas, numa abordagem que seja simultaneamente diacrônica e sincrônica; b) o aluno possa compreender a literatura como fenômeno cultural, histórico, ideológico, político, simbólico e social, capaz de dar a ver as contradições e conflitos da realidade; c) o ensino não menospreze o caráter dialético das obras literárias, como produtos de cultura cuja função é, paradoxalmente, abalar ou subverter os consensos instituídos no âmbito da própria cultura; e d) o texto literário seja abordado em diálogo com outros produtos ou artefatos culturais (Dalvi, 2013, p.130).

Ainda com base em Dalvi (2013), destacamos alguns princípios para a mediação docente no trabalho com a literatura no PROEJA:

- **Quanto à seleção de textos:** possibilitar aos leitores o contato com a diversidade (de gênero, de temas, de suportes, escritas, sensibilidades, recursos, estéticas e a força humanizadora que o texto oferece) a fim de promover a ampliação do repertório sociocultural dos leitores; pautar que os textos pressupõem certos leitores (idade, contexto, repertório: desejar que nossos

alunos sejam leitores críticos para o maior número possível de obras – em quantidade e qualidade).

- alunos sejam “leitores certos” para o maior número possível de obras – em quantidade e qualidade);
- **Quanto à mediação docente:** garantir que os alunos tenham acesso ao texto literário e o compreendam em suas múltiplas dimensões; propor o máximo possível de atividade de leitura literária dentro e fora da sala de aula, tais como: em bibliotecas, feiras culturais, lançamentos, rodas de leitura, mesa de debates, pesquisa na internet, encontro com escritores, criações de adaptações, paródias, homenagens, recriações; valorizar o contexto de escrita e leitura e de acesso para a constituição de saberes sobre o conhecimento literário; instituir a pesquisa e o conhecimento como inerentes à atividade de leitura literária, que demanda saber sobre o texto, seu autor, seu suporte, seus contextos, seus mecanismos, seus diálogos intertextuais, suas alusões à história; fazer da leitura literária uma sedução, um desafio, um prazer, uma conquista, um hábito: para isso, incorporá-la ao cotidiano escolar (e extraescolar) de todos (e talvez principalmente do docente, como leitor em evidência).
- **Quanto à avaliação:** avaliar sem punir, com o intuito de promover o aprendizado e principalmente a aproximação e o respeito, avaliar com critérios claros e enunciáveis a partir do diálogo e avaliar o próprio ato da avaliação; permitir a experiência de produzir literatura como uma resposta possível à leitura literária; e jamais permitir que a literatura seja tomada como mero pretexto para outros fins.

Nesse processo educativo de caráter crítico-reflexivo, a relação educador-educando é pautada na colaboração mútua. Ambos são coautores do conhecimento (Gasparin, 2012). Os educandos trazem para a escola as suas leituras de mundo que são confrontadas com o conhecimento literário, o qual, sob a mediação do professor, se funda nos instrumentos necessários para realização da leitura literária, que compreende a análise, a comparação, a crítica, o levantamento de hipóteses, o julgamento, a classificação, a dedução, a explicação, a generalização e a conceituação.

Toda essa exploração culmina no que Saviani (2011) denomina de *catarse*. Esta se caracteriza como uma expressão de uma nova maneira de entender a prática social, agora não mais de forma natural, mas como produto histórico da ação humana.


Reconhecemos, portanto, que a educação literária na perspectiva abordada nesta pesquisa implica “[...] mudanças nas macroestruturas do poder educacional, onde legisladores decidem os programas, os salários, os recursos e os fins”, (Leahy-Dios, 2000, p. 280).

Ainda assim, reafirmamos que é possível, enquanto docentes pesquisadoras, nos apropriar de instrumentos teórico-práticos necessários para aprender uma nova forma de educar, especialmente educar pela literatura que é o saber fundamental para nutrir “[...] os sentidos e emoções em simbiose com a conscientização cultural, social e política, como um aprendizado de prazer e autoconhecimento junto à aquisição de valores e

participação política como sujeitos sociais” (Leahy-Dios, 2000, p. 273).

Defendemos, portanto, um ensino de literatura que tenha como horizonte a formação crítico-ideológico-política no âmbito do PROEJA como condição importante para a construção de uma sociedade mais justa, mais democrática em que todos os indivíduos tenham o pleno gozo da riqueza material, espiritual e cultural, produzida historicamente pela humanidade.





Uma Proposta  
Didática de  
Leitura Literária  
no PROEJA

## **Uma Proposta Didática de Leitura Literária no PROEJA**

Nossa Proposta Didática de leitura literária tem como esteio a Pedagogia Histórico-Crítica elaborada por Saviani (2011). Como antes dito, essa pedagogia é fundamentada no materialismo histórico e dialético, de Marx e Engels, para a qual professor e estudante são sujeitos sociais, e os conhecimentos científicos são instrumentos que abrem horizonte para uma nova/outra prática, em uma perspectiva de práxis comprometida com a transformação social.

Para a Pedagogia Histórico-Crítica, a socialização/assimilação dos conhecimentos se dá em um movimento que vai da síncrese à síntese pela mediação da análise. Neste movimento, os alunos, sob a mediação do professor, partem da compreensão empírica, sincrética da realidade social, que é problematizada, e alcançam a compreensão sintética dessa realidade, a partir da apropriação de instrumentos teóricos e práticos que subsidiam ações transformadoras.

Como já evidenciamos, esse processo ganha vida pelo método dialético que consiste em cinco momentos pedagógicos, dinâmicos e inter-relacionados, denominados por Saviani (2011) como: prática social inicial; problematização; instrumentalização, catarse e prática social final, traduzidos didaticamente por Gasparin (2012).

Com base nesses pressupostos, elaboramos um percurso literário com/para os sujeitos da pesquisa

percorrerem durante a experiência de aprendizado, a partir da leitura da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

A escolha por essa obra se dá pela sua atualidade temática. Assim como Cosson (2016), compreendemos que a atualidade de uma obra, seja escrita recentemente ou em tempos remotos, é fundamental para provocar o interesse pela leitura.

Carolina Maria de Jesus, de forma singular, consegue conduzir seus leitores ao questionamento das relações sociais atuais que se manifestam no contexto de uma sociedade de classes antagônicas. Nesse sentido, buscamos mostrar por meio desse percurso literário como a experiência estética pode se constituir um instrumento de emancipação humana (Freire, 1989).

No percurso literário, fizemos um recorte da obra, elaborando uma síntese que trouxe para reflexão elementos fundamentais abordados pela autora. No desenvolvimento das atividades, buscamos levar em conta a dinâmica do PROEJA, respeitando seus sujeitos reais e aproveitando o espaço/tempo da escola, uma vez que os jovens e adultos, devido às suas atividades laborais, ficam impossibilitados de se dedicarem às tarefas escolares fora da sala de aula.

Ressaltamos que o recorte realizado não subtrai os elementos importantes que compõem a totalidade da obra. Em cada narrativa há certa autonomia em relação ao seu contexto geral, já que versa sobre as aventuras e desventuras diárias, vivenciadas por Carolina.

Para dinamizar a prática de leitura literária, optamos por não utilizar a mesma denominação dos momentos do método pedagógico da PHC, adequando cada momento da proposta ao seu repertório sociocultural.

O percurso literário estrutura-se em cinco momentos pedagógicos que se articulam em um movimento dinâmico entre a leitura de mundo e a apropriação da literatura por meio da leitura literária da obra. Sugerimos que todos os momentos pedagógicos sejam vivenciados em roda de conversa, uma vez que compreendemos a partir de Freire e Shor (1986, p. 11) que

Na medida em que, enquanto falamos, somos o leitor um do outro, leitores de nossas próprias falas, o que ocorre aqui é que cada um de nós é estimulado a pensar e a repensar o pensamento do outro. Assim, creio que nisto repousa a dimensão fundamental da riqueza de um intercâmbio como este. Essa possibilidade comum de nos lermos antes de escrever talvez melhore o que escrevemos, porque nessa interação podemos nos transformar no momento mesmo do diálogo. (Freire; Shor, 1986, p.11).

Durante o percurso literário, os estudantes, além de lerem e refletirem sobre a obra literária, terão a oportunidade de escrever a sua própria história a partir da construção dos seus próprios diários. Esse exercício de escrita autobiográfica pode possibilitar momentos de ressignificação dos seus papéis como sujeitos concretos que possuem lugar de fala, que têm o direito de dizer a palavra, a sua palavra (Freire, 1989).

A escolha do gênero textual diário deve-se ao fato de que esse gênero se constitui em um texto de escrita pessoal, sistematizada na narração em primeira pessoa e com fins

reflexivos. É um gênero discursivo que pode possibilitar o desenvolvimento do processo discursivo da autoria, de forma a tornar o ato de escrita um instrumento de expressão, reflexão e tomada de consciência (Bakhtin, 2011).

# 3 O Percurso Literário

## O Percurso Literário

**1** O momento **Arrumando a Bagagem** corresponde à prática social inicial, de mobilização dos estudantes a participarem da proposta didática e nela expressarem sua leitura de mundo e suas percepções sobre a leitura literária, (Kaplún, 2003).

O momento **Juntando Pedras** corresponde à prática social inicial, de mobilização dos estudantes a participarem da proposta didática e nela expressarem sua leitura de mundo e suas percepções sobre a leitura literária, (Kaplún, 2003).

**2**

**3** O momento **Começando a Caminhada** corresponde à instrumentalização, em que os sujeitos se apropriam da leitura literária da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, explorando as dimensões que a constituem, o contexto histórico-social, cultural e político de produção e publicação da obra, bem como, os aspectos éticos, geográficos e literários, a exemplo da construção dos personagens, expressão de sentimentos, linguagem literária, narrativa, gênero em que se apresenta, entre outros (Gasparin, 2012).

O quarto momento **Montando o Acampamento** corresponde à Catarse, em que os discentes têm a oportunidade de produzir seus próprios diários e apresentar aos seus pares, a partir dos conceitos de que se apropriaram durante o percurso.

4

5

O quinto momento **Construindo novos Caminhos** corresponde à Prática Social Final, expressa por uma nova percepção dos sujeitos trabalhadores-estudantes, não somente sobre a leitura literária, mas também sobre sua realidade e de seus papéis enquanto sujeitos concretos.

## Onde queremos chegar?

Nosso percurso literário tem como objetivo ler a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, a partir da exploração das dimensões que a constitui.

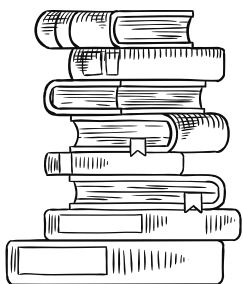
## Trilhas da Caminhada:

- ➔ Identificar inter-relações entre as experiências cotidianas dos sujeitos e a obra literária estudada.
- ➔ Conhecer a autora da obra e seu papel na literatura brasileira.
- ➔ Compreender o contexto de produção e de publicação da obra.
- ➔ Refletir sobre as “pedras” e “caminhos” dos personagens em diálogo com as pedras e caminhos dos sujeitos do PROEJA.



- ➔ Conhecer os aspectos estruturais e literários da obra.
- ➔ Conhecer a composição do gênero textual diário.
- ➔ Refletir sobre a relevância temática da obra para pensar as relações humanas em uma sociedade de classes.
- ➔ Avaliar a experiência de leitura literária.

## Conteúdo Programático:



1. Leitura do Poema *No meio do Caminho tinha uma pedra*, de Carlos Drummond de Andrade;
2. Leitura da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus;
3. Vida e obra de Carolina Maria de Jesus;
4. Contexto socioeconômico, político e cultural expresso na obra;
5. Obra *Cartas a uma negra*, de Françoise Ega;
6. Gênero textual diário: datação e narrativa em primeira pessoa;
7. Conotação e Denotação.

## Procedimentos metodológicos:

As ações docentes e discentes seguem os momentos pedagógicos da Didática da Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2011; Gasparin, 2012).

## Recursos



Fotocópias do poema No meio do caminho tinha uma pedra, de Carlos Drummond de Andrade;

Fotocópias da obra Quarto de Despejo, diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus;

Obra Cartas a uma negra, de Françoise Ega;

Quadro Branco;

Pincel;

Diário de leitura;

Vídeo;

Notebook;

Data Show;

Dicionários.

## Avaliação

A avaliação será desenvolvida nas ações didáticas de cada momento do percurso literário.

# 3.1

## Arrumando a Bagagem

## Arrumando a Bagagem

O primeiro momento do percurso literário tem como objetivo mobilizar os estudantes a participarem da leitura literária em que terão a oportunidade de expor a sua leitura empírica da realidade. Para essa mobilização inicial, sugerimos a leitura do poema *No meio do caminho tinha uma pedra*, de Carlos Drummond de Andrade.

### Ações didáticas

- ▶▶ Apresentação da proposta didática de leitura literária;
- ▶▶ Disponibilização dos diários;
- ▶▶ Leitura coletiva do poema *No meio do caminho tinha uma pedra*, de Carlos Drummond de Andrade;

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do  
caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.

(Carlos Drummond de Andrade)

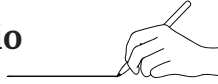
ANDRADE, C. D. de. *Uma pedra no meio do caminho: Biografia de um poema*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

Após a leitura, convide os estudantes a refletirem sobre os sentidos provenientes do poema, em diálogo com as pedras e caminhos que fizeram parte de seu percurso. Para auxiliar a reflexão, sugerimos algumas questões norteadoras a seguir:

### Questões norteadoras:

- Que palavras chamam mais a sua atenção no poema lido?
- Como você interpreta a metáfora da pedra no poema? O que ela significa para você?
- Como você interpreta a citação: “Nunca me esquecerei desse acontecimento/Na vida de minhas retinas tão fatigadas/Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ Tinha uma pedra”? .
- O que você entende por “caminho” na sua vida? Quais são os obstáculos que encontrou ao longo desse caminho?
- Qual o significado das palavras: “retinas” “fatigadas”?
- Que “pedras” marcaram o seu caminho?
- O poema sugere uma reflexão sobre interrupções e persistência. Como esses temas se relacionam com suas próprias experiências?
- O que caracteriza um texto literário?
- Você sabe a diferença entre texto conotativo e denotativo?

## Hora de escrever no diário



Após o diálogo sobre o poema de Drummond, convide os estudantes a construírem uma narrativa sobre si mesmos.

### **Tema:**

Quem sou eu.

### **Roteiro de escrita:**

Quem sou eu, onde e com quem moro, o que faço, onde trabalho e o que sinto.

### **Sugestões de textos literários que podem ser usados para mobilização inicial:**

Música **Você sabe o que é caviar?**, interpretada por Zeca Pagodinho.

Música **Fome**, interpretada pela banda Titãs.

Dinâmica **Quem eu sou em três palavras**, em que cada aluno pode falar algo sobre si mesmo, a partir dessas palavras.

3.2

Juntando  
Pedras

## Juntando Pedras

O segundo momento pedagógico tem como finalidade problematizar o objeto a ser estudado a partir de perguntas norteadoras que enfocam as suas múltiplas faces, de forma a possibilitar aos alunos a apropriação do conhecimento sistematizado.

### Ações didáticas

- ▶▶ Apresentação da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.
- ▶▶ Disponibilização dos trechos selecionados da obra para leitura.
- ▶▶ Leitura coletiva do poema *No meio do caminho tinha uma pedra*, de Carlos Drummond de Andrade.
- ▶▶ Problematização em torno da obra literária, enfocando suas múltiplas dimensões. Sugerimos algumas questões norteadoras, a seguir:

### Questões norteadoras:

#### Conceitual-literária:

- Pelo título, o que seria um quarto de despejo?
- Lembra alguma imagem?
- Que temática sugere?



- A obra pertence a qual gênero textual?
- Quais os aspectos literários da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada?
- Que elementos compõe uma obra literária?
- Quais as características do gênero diário?
- Que linguagem a obra apresenta?
- Denotativa ou conotativa? De acordo com a história, os personagens sentiam fome ou passavam fome?
- Como a personagem Carolina percebia a si mesmo na condição de trabalhadora, pobre, mulher negra, mãe solteira?
- Que sentimentos são expressos pela personagem Carolina?
- Que “pedras” (classe social, raça, gênero) marcam a história da personagem Carolina?
- Há alguma relação entre as “pedras” no caminho de Carolina que lembra as pedras do seu percurso?

### **Histórico-social:**

- Quem foi Carolina Maria de Jesus?
- Qual seu papel social enquanto trabalhadora?
- Em que contexto histórico-social o livro foi produzido e publicado?
- Em que ano? Onde o livro foi escrito? Tempo de produção?
- Que relação existe entre a realidade vivenciada pelos personagens e a realidade atual no nosso país?
- Há alguma aproximação ou distanciamento da realidade de Carolina e a realidade dos sujeitos do PROEJA?

### **Ético- Política:**

- Quais são as possíveis razões que condicionam a invisibilidade da vida e obra literária de Carolina?
- Como a leitura da obra Quarto de Despejo pode contribuir para a compreensão da realidade dos sujeitos do PROEJA?
- Qual a importância da leitura literária na formação humana?
- Que intencionalidades e a serviço de quem o conteúdo da obra se dirige?

### **Geográfica:**

- Onde se passa a história?

### **Hora de escrever no diário**



Após a problematização, convide os alunos a produzirem um relato de vida.

### **Tema:**

Pedras que marcaram a minha vida.

### **Roteiro de escrita:**

Origem familiar, raça, classe social, lembranças da minha infância, razões que me distanciaram dos estudos? O que me levou a voltar para a escola, especialmente, para o PROEJA? Ao retornar para a vida escolar, tenho apoio de alguém? Qual o sentido da educação para a minha vida?

# Começando a Caminhada

3.5

## Começando a caminhada

O quarto momento pedagógico tem como finalidade permitir que os estudantes se apropriem da obra de Carolina Maria de Jesus a partir da problematização anteriormente levantada. Destina-se à apresentação sistemática do conteúdo, promovendo o confronto entre os conhecimentos cotidianos dos alunos e o conteúdo abordado em sala de aula.

### Ações didáticas



Apresentação introdutória a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, por meio de dois vídeos:



**Vídeo:** Mulheres Fantásticas

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IufWv4430aA>.



**Vídeo:** Quem foi Carolina de Jesus?

Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IufWv4430aA>.



Leitura coletiva da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.

- ▶▶▶ Leitura coletiva da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.
- ▶▶▶ Exploração da construção da personagem Carolina, a partir da narrativa (o que faz, o que sente, o que deseja, o que gosta de fazer, o que pensa, onde mora).
- ▶▶▶ Discussão sobre as pedras e caminhos que a personagem Carolina enfrentou na narrativa, em diálogo com as pedras e caminhos que os trabalhadores atuais enfrentam.
- ▶▶▶ Introdução ao gênero textual diário, enfocando os aspectos: narração em primeira pessoa, local e datação (essa apresentação pode ser feita, a partir do próprio livro de Carolina, que já se apresenta em forma de diário).
- ▶▶▶ Interpretação e discussão coletiva da obra, enfocando os sentidos expressos na obra a partir de alguns trechos selecionados:

### **Trechos selecionados**

“E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!”, “Atualmente, somos escravos do custo de vida” (Jesus, 2020, p. 36).

“Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2020, p. 36).

“Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente. Toquei o carrinho e fui buscar mais papéis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: ‘Ri criança. A vida é bela’. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga.” (Jesus, 2020, p. 36).

“Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (Jesus, 2020, p. 36).

“Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (Jesus, 2020, p. 36).

“Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.” (Jesus, 2020, p. 36).

## Questões norteadoras:



- Os personagens sentiam fome ou passavam fome? Como é morar na favela a partir da narrativa?
- Qual a influência das políticas sociais para a estrutura social (saúde, alimentação, educação, saneamento básico, segurança) apresentados na obra?

- Qual a importância que a leitura e escrita tem na vida da personagem Carolina? E na sua vida?
- Onde Carolina encontra livros para ler?
- De onde são os cadernos que a personagem usa para produzir seus diários?
- Como se constrói o olhar da personagem sobre si mesma na narrativa?
- Que sentimentos são expressos?
- Em que consistia a fome de Carolina?
- E você, tem fome de quê? Como a leitura da obra Quarto de Despejo pode contribuir para a compreensão da realidade dos sujeitos do PROEJA?

## Hora de escrever no diário



Após o debate, convide os estudantes a produzirem um relato de vida.

### **Tema:**

Anseios futuros.

### **Roteiro de escrita:**

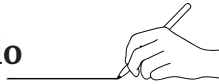
O que pretendo fazer após concluir o curso.

Quais são meus sonhos para o futuro?

## Ações didáticas

- ▶▶ Confronto entre a obra de Carolina Maria de Jesus e “Cartas a uma Negra” de Françoise Ega.

### Hora de escrever no diário



Após o debate, desafie os alunos a produzirem uma carta à Carolina Maria de Jesus.

#### **Tema:**

Carta à Carolina Maria de Jesus.

#### **Roteiro de escrita:**

Escolha um trecho da obra de Carolina Maria de Jesus que mais tenha impactado você durante a leitura. Pode ser uma passagem que tenha despertado emoções e reflexões. Destaque os motivos pelos quais ele chamou sua atenção. Inicie a carta com uma saudação calorosa a Carolina Maria de Jesus e compartilhe suas reflexões sobre o trecho escolhido. Discuta como ele ressoa com suas próprias experiências, sentimentos e pensamentos.

### **Sugestões de textos que podem ser usados para dialogar com a obra *Quarto de Despejo*:**

- Poema **Um operário em construção**, de Vinicius de Moraes.
- Curta de animação **Vida Maria**, de Márcio Ramos.



# Montando o Acampamento

3.4

## Montando o Acampamento

O quinto momento pedagógico tem como objetivo criar um espaço dedicado ao compartilhamento das interpretações derivadas da leitura literária e das produções dos diários.

### Ações didáticas

- ▶▶ Compartilhamento das produções dos diários.
- ▶▶ Reflexão sobre os sentidos apreendidos durante a leitura literária e suas relações com a sociedade atual. Sugerimos algumas questões norteadoras:

### Questões norteadoras

- O título da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* atribui à autora Carolina o reconhecimento de sua importância social como literata que representa a voz de milhares de brasileiros? Explique a sua resposta.
- Que título você daria à obra?
- As dificuldades que a personagem Carolina enfrentou ainda persistem na sociedade?
- Há alguma relação entre as pedras no caminho de Carolina que lembra as pedras do seu percurso de sua vida?

## **Sugestões de textos que podem ser produzidos em sala de aula:**

- Diário pessoal;
- Poemas;
- Paródias;
- Apresentação cênica da personagem Carolina.



Construindo  
novos Caminhos

## Construindo novos Caminhos

O quinto momento pedagógico consiste na etapa em que em que os estudantes expressam uma nova percepção da obra e do mundo a partir da leitura literária.

### Ações didáticas

- ▶▶ Sistematização de um livro a partir dos registros de diário de leitura.
- ▶▶ Doação do livro à Biblioteca da instituição.
- ▶▶ Lançamento do livro na instituição.
- ▶▶ Avaliação da proposta didática de leitura literária. Sugerimos algumas questões norteadoras:



### Questões norteadoras

- Você gostou da experiência de ler a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus?
- Que momento dessa experiência foi mais significativo para você?
- Você considera que a vivência da atividade com essa obra lhe provocou transformações?
- Se sim, em que sentido?
- Tem alguma sugestão de como essa experiência de leitura literária poderia ser enriquecida?

## **Sugestões de textos que podem ser produzidos em sala de aula:**

- Cerimônia de lançamento do livro;
- Sarau literário;
- Vídeo–diários a serem publicados em uma rede social.

# 4

## Notas Conclusivas

## Notas Conclusivas

Compreendemos que um percurso literário como este pode não dirimir todas as dificuldades de leitura e escrita enfrentadas pelos estudantes, dada as muitas “pedras” que encontram em seus caminhos. No entanto, a cada leitura realizada, os estudantes do PROEJA têm a oportunidade de confrontá-la com suas leituras anteriores, ampliando seu repertório de leitura. A construção de significados durante a leitura literária é uma habilidade que se desenvolve progressivamente a cada experiência. Por isso, a apropriação da literatura, da leitura e da escrita constitui um processo que se desenvolve ao longo da vida.

Além disso, por meio de propostas didáticas como esta, é possível criar espaço de leitura onde os estudantes podem refletir criticamente sobre as representações que têm de si mesmos através da leitura literária. Isso permite uma ampliação da consciência em relação ao seu papel na sociedade a partir de sua individualidade e subjetividade, possibilitando uma ressignificação de sua compreensão do mundo por meio da palavra (Freire, 1989; Saviani, 2011).

Portanto, compartilhamos do entendimento de que o ato de ler é fundamentalmente político, pois implica em conhecimento e criação, sendo, portanto, um ato de resistência. Assim como se aprende a nadar nadando e a trabalhar trabalhando, também se aprende a ler e escrever lendo e escrevendo (Freire, 1989).

Até o próximo percurso!





# Referências Bibliográficas

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Outros sujeitos, outras pedagogias. 2. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro. Vozes, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. Aula (aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Collège de France, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977). Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANAL CURTA. Quem foi Carolina de Jesus. [Vídeo]. YouTube, 14 jun. 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6P\\_q9O3VtIU&t=140s](https://www.youtube.com/watch?v=6P_q9O3VtIU&t=140s). Acesso em: 24 maio 2024.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. Paradigmas do ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 2021.

DALVI, Maria Amélia. Literatura e educação: formação, pensamento & trabalho. In: FINARDI, Kyria Rebeca (Org.). A pesquisa em educação e linguagens: perspectivas em diálogo. Campinas: Pontes Editores, 2018. v. 1, p. 129-170.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES, v. 38, p. 123-140, 2013.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.

- DUARTE, Newton. Fundamentos da pedagogia histórico-crítica: a formação do ser humano na sociedade comunista como referência para a educação contemporânea. In: MARSIGLIA, Ana Cláudia G. (Org.). Pedagogia histórico-crítica: 30 anos. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 7-21.
- FERREIRA, Natália Borges Polesso. A catarse estética e a pedagogia histórico-crítica: contribuições para o ensino de literatura. 2012. 161 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara, Araraquara.
- FRANÇOISE, EGA. Cartas a uma negra. Tradução Vinicius Carneiro, Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021. 252p.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.
- KAPLÚN, Guillermo. Material educativo: a experiência de aprendizado. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, p. 46-60, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491/40205>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- LEAHY-DIOS, C. M. Educação Literária como metáfora social. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 300p.

LEITE, Paula de Souza Carneiro. Produtos educacionais em mestrados profissionais na área de ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. *Investigação Qualitativa em Educação*, v. 1, p. 330-339, 2018. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1656/1609>. Acesso em: 02 mar. 2024.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: MOLL, Jaqueline & Colaboradores. (Org.). *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: ARTEMED, 2009.

RAMOS, Marise Nogueira. Concepção do ensino médio integrado. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, v. 8, 2008. Disponível em:

[http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/concepcao\\_do\\_ensino\\_medio\\_integrado5.pdf](http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf). Acesso em: 01 fev. 2023.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TV GLOBO. *Mulheres Fantásticas*. [Vídeo]. YouTube, 23 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IufWv4430aA>. Acesso em: 24 maio 2024.

VIGOTSKY, Lev S. *Psicologia da arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

# 6 As autoras

## As autoras

### **Diana Sousa Silva Correa**

Mestranda Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfPET, pelo Instituto Federal do Maranhão, Campus Monte Castelo, São Luis - MA.

### **Eliane Maria Pinto Pedrosa**

Graduada em Pedagogia, com Mestrado em Educação Profissional e Doutorado em Educação em Ciências e Matemática, pelo Programa de Pós-graduação da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática - REAMEC/UFMT. Professora das disciplinas pedagógicas dos cursos de Licenciatura Instituto Federal do Maranhão. Professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfPET pelo Instituto Federal do Maranhão Campus Monte Castelo, São Luis - MA.

### **Paula Francinetti Tavares Araújo**

Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, na linha de pesquisa Linguística Aplicada e Estudos de Fronteira. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2013) com estágio doutoral na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Université de Genève com Jean-Paul Bronckart. Professora Titular de Língua Portuguesa do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Maranhão. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfPET pelo Instituto Federal do Maranhão Campus Monte Castelo, São Luis - MA.

Diana Sousa Silva Correa  
Eliane Maria Pinto Pedrosa  
Paula Francinetti Tavares Araújo

# Entre pedras e Caminhos

Uma proposta didática de  
leitura literária no PROEJA

